

A EXPRESSÃO DO TEMPO FUTURO – FORMA SINTÉTICA x PERÍFRASE

Rita do Carmo Polli da Silva

Mestranda em Estudos Lingüísticos da UFPR

RESUMO

Há em curso, no Português do Brasil (doravante PB), mudanças no tocante ao uso do tempo futuro. A expressão deste tempo não se dá somente com a forma verbal chamada *futuro*. Esta construção se dá também com a perífrase *ir + infinitivo* e outras estruturas que podem expressar *futuridade*: *estar + gerúndio*, por exemplo, ou a presença de advérbios. Análise em diversos corpúsculos do PB vem evidenciando um franco declínio no uso do chamado futuro sintético (amarei) em detrimento da perífrase, principalmente *ir + infinitivo* (vou amar). Tendo em vista este fato vamos testar em que medida alunos do 2º ano do ensino médio, submetidos à pressão de uma avaliação escolar, ainda empregam a forma ensinada pelas escolas (sintético) e como algumas obras literárias vêm expressando o futuro.

Estudos recentes têm se dedicado à análise das expressões de futuro, como elas se realizam e quais as diferenças entre as expressões na língua falada e na língua escrita. A Gramática Tradicional, mais especificamente a de CUNHA (1984) salienta que o futuro sintético é quase que exclusividade da língua escrita, enquanto a falada prefere fazer uso das formas perifrásticas, principalmente a perífrase IR + INFINITIVO.

Este trabalho parte da hipótese de que está havendo franca diminuição no emprego da forma sintética de futuro na língua escrita do PB. Desta forma, será feito um levantamento de dados a partir de um corpus dividido em duas partes: a primeira é composta de dois livros de literatura cujo público alvo são adolescentes e a segunda, de 117 textos de estudantes do segundo ano do Ensino Médio, submetidos à produção da questão 23 da prova de redação do vestibular da UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ/ 2003.[1](#)

Para entendermos nosso objeto de estudo vamos relembrar o conceito de verbo. Segundo Cunha (1984) verbo é “*uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo (...) O verbo apresenta variações de pessoa, modo, de tempo e de voz.*”

Para Costa (1990),

Tempo é uma categoria que marca na língua, através de lexemas, de morfemas, de perífrases, a posição que os fatos referidos ocupam no tempo, tomando como ponto de partida o ponto-dêitico da enunciação.

A autora lança mão de um recurso muito utilizado por outros estudiosos do assunto que é a “linha de tempo” ou a “reta cronológica” onde se marca o momento da enunciação e o fato enunciado como anterior, posterior ou simultâneo ao agora.

Tal reta coincide com os pressupostos de Reichenbach (1947) (ap. Gibbon 2000) que apresenta o momento do evento (ME), o momento da fala (MF) e o momento da referência (MR).

Lyons (1977- ap. Gebo 2000) também segue a mesma linha de pensamento:

A categoria dêitica tempo é marcada formalmente por sufixos, itens lexicais (hoje, amanhã, agora), expressões lexicais (na próxima semana, depois de amanhã) ou auxiliares. O ponto temporal zero é o momento da fala. O tempo, assim, marca a relação entre os três tipos de orientação: MF, ME e MR.

Gibbon (2000) discute *aspecto* colocando a posição de Fleischman (1982), Comrie (1995) e Travaglia (1994) para quem aspecto e tempo são bastante distintos. A diferença mais evidente é que o tempo tem um caráter dêítico, como já visto acima, e o aspecto não.

Costa (1990) afirma que “Aspecto e Tempo são categorias temporais no sentido de que têm por base referencial o tempo físico”, mas que semanticamente falando a categoria “tempo” faz referência ao tempo externo, presente, passado e futuro (e suas subdivisões) enquanto o aspecto refere-se ao tempo interno, com noção de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim. Consideremos a frase: (1) Trabalhei muito. O falante, ao pronunciá-la desta forma, quer informar que a ação ocorreu no passado, antes do momento da fala. Neste enunciado há marca da categoria de tempo, o verbo *trabalhar* recebe um tratamento ancorado na dêixis. Se o falante, ao invés da frase (1) tivesse pronunciado, (2) Estive trabalhando por muito tempo, parece evidente que a intenção não é a de expressar somente o passado. Se fosse, ele o faria mais provavelmente com a frase (1). Na (2) a intenção é expressar o desenvolvimento da ação. O falante, desta forma, chama a atenção para o tempo interno do fato: “é como se víssemos o tempo escoando, assim como se ele se concretizasse no espaço.”

A autora também distingue as categorias tempo e aspecto através da característica dêitica, não-dêitica. Segundo ela a temporalidade de duas formas nominais, o gerúndio e o particípio indicam o aspecto, não o tempo. Obviamente, ambas expressam o tempo físico de alguma maneira, mas não são dêíticas, não nos informam se a ação ocorre antes, simultaneamente ou depois do momento da fala.

Um outro ponto que se faz necessário ressaltar para o estudo do futuro é o que se refere aos verbos modais. Modalizar é uma espécie de forma de tratamento, de polidez, é uma atitude do falante em relação ao seu enunciado. A modalização é antiqüíssima na língua portuguesa. Querer e poder, por exemplo, sempre foram usados e não mostram tendências de desuso.

O futuro não é igual ao passado no conceito de tempo, ele reserva sempre um valor modal, haja vista ser apenas uma possibilidade. Nos enunciados que faz utilizando-se do futuro, o falante sempre marca a probabilidade e à possibilidade da ocorrência dessas ações, pois a noção de futuro está associada ao desejo e à dúvida e funciona a rigor na categoria *modo*.

Segundo Gibbon (2000):

A modalidade é relevante para o futuro, não só na sua expressão, mas também na sua formação. O uso

da forma perifrástica pode ser explicado através desse componente no tempo futuro. Acreditamos que ela entrou na língua para expressar a modalidade (intenção, certeza) e que após um primeiro momento, assumiu também a codificação de tempo futuro, ocupando o espaço do futuro do presente.

A modalidade, ou modalização, segundo Ilari (1993):

“... movimentam diferentes recursos lingüísticos: (1) a prosódia, como nos alongamentos vocálicos e na mudança de tessitura, em “trabalhei muito, mas muito MESMO”, (2) os modos verbais, (3), os verbos auxiliares como *dever, poder, querer*, e os verbos que constituem orações parentéticas e matrizes como *achar, crer, acreditar...*”

Segundo Gorski et al. (2002)

O futuro se caracteriza por ausência de factualidade, pois só aceita asserções segundo a avaliação que o falante faz da possibilidade/impossibilidade de ocorrência de um estado de coisas, o que mostra que há sempre um valor modal ligado ao valor temporal. Para expressar essa noção temporal, o falante utiliza basicamente as formas verbais: futuro do presente do indicativo (*sairei*), forma perifrástica (*vou sair*) e presente do indicativo (*saio*). Trata-se, pois de um fenômeno de variação lingüística em português.”

As autoras trabalharam com trinta e seis entrevistas de informantes de Florianópolis tendo como objetivo observar a variação nas categorias verbais de tempo e modo. A análise mostrou evidências em favor da hipótese de que a perífrase está mesmo, no corpus por elas analisado, ocupando o espaço do futuro do presente, principalmente na fala dos jovens, o que aponta uma variação em curso.

Relevante pesquisa também o trabalho ora proposto é Gibbon (2000) já mencionada, que também analisa o futuro na fala dos habitantes de Florianópolis, objetivando evidenciar que “*as formas perifrásticas e presente do indicativo são variantes do futuro quando a função lingüística é a expressão do tempo futuro.*”

Longo (1998), em pesquisa sobre as perífrases do português falado com um corpus composto por entrevistas do Projeto Nurc, observou a predominância do futuro com IR perfazendo 70% das ocorrências. Em 2º lugar a autora aponta as perífrases com TER, 20%. A perífrase ESTAR seguida de GERÚNDIO com valor de futuro do presente só teve uma ocorrência neste corpus de língua falada. A autora aponta uma diferença bastante significativa entre as perífrases em uso no PB escrito e falado. Num corpus escrito foram encontrados os auxiliares *haver, ir, estar para e ter* enquanto na língua falada somente *ir e ter* foram utilizados.

No que se refere ao futuro, a autora surpreendeu-se com o alto índice de perífrases verbais nas Elocuções Formais, um dos tipos de entrevistas do Projeto NURC, abreviado EF, que é composto apenas de gravações de aulas e conferências. Era esperado, neste tipo de discurso, a forma sintética, mais formal, o que os dados não confirmaram. Os professores das entrevistas do NURC, em sala de aula, adotaram as perífrases, especialmente com o auxiliar IR.

A forma perifrástica está se tornando praticamente obrigatória na língua falada e a forma

sintética do presente do futuro parece estar se restringindo à modalização.

A pesquisa apresentada no presente trabalho tem seu *cópus* constituído por duas obras literárias do autor Pedro Bandeira. Suas obras são bastante procuradas por alunos do Ensino Médio. Analisamos *Mariana* e *Descanse em paz, meu amor*, editados em 1996. Os dois livros trazem personagens adolescentes envolvidas com problemas bem próximos aos que os adolescentes leitores vivem.

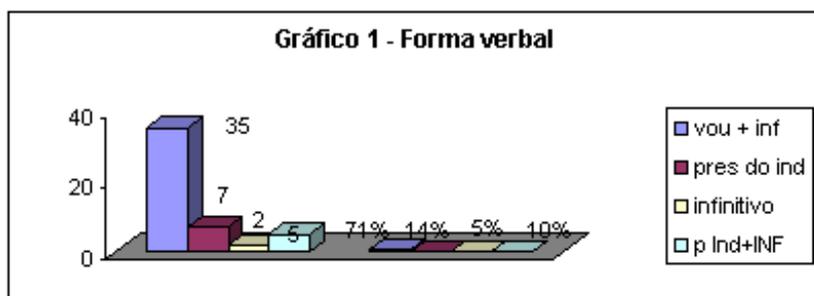
No livro *Mariana*, com 87 páginas, foram encontradas 49 ocorrências de futuro e em *Descanse em paz, meu amor*, 79 páginas, 40.

Uma outra parte deste *cópus* é composta por 117 redações de alunos do segundo ano do ensino médio, aos quais foi apresentada para produção a mesma questão 23 do já referido vestibular. Deste número, 81 apresentaram ocorrências de futuro, num total de 132 ocorrências.

Resultados e análise do livro *Mariana*

A amostragem será feita por grupos de fatores, com um gráfico de porcentagem para cada grupo.

O gráfico abaixo mostra os números e a porcentagem correspondente das formas verbais encontradas.



Não teve nenhuma ocorrência de futuro sintético neste livro e o número de perífrases VOU + INFINITIVO mostrou-se muito significativo na fala dos adolescentes personagens desta obra.

O *presente do indicativo* como expressão indicativa de futuro ocorreu sete vezes (14%) do total de ocorrências da obra, por exemplo, em frases do tipo:

- Pág. 8 - Na semana que vem *vou* ao cabeleireiro da Clarisse. ((Mariana consigo mesma))

- Pág. 23 - *Volta* no fim do mês. Estou que nem me agüento de ansiedade, menina. (Mariana para Clarisse)
- Pág. 61 - Na festa do dia 30? Claro... Claro que eu *levo*... (Mariana para Clarisse)

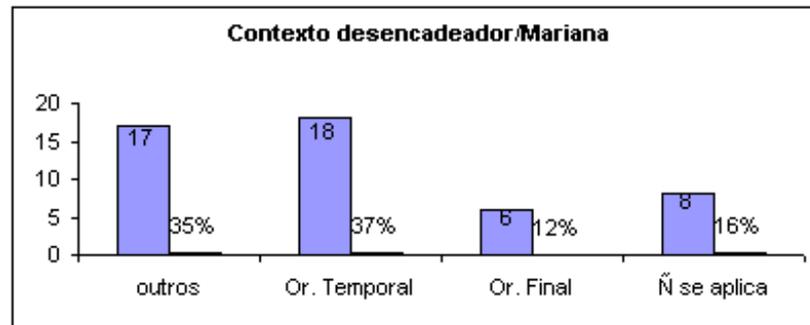
O *infinitivo* apresentou duas ocorrências, 5% do total, as duas tendo como contexto desencadeador uma oração temporal:

- “...quando ele *chegar*...” - pág. 40
- “... quando eu *encontrar*...” pág. 44.

O *presente do indicativo + infinitivo* teve 10% das ocorrências, cinco casos, todos com auxiliar *ter*.

Estes resultados concordam com os de Longo (1998) que encontrou muitas perífrases em corpus de língua falada, mesmo em situações formais. A autora ainda aponta que os verbos mais utilizados como auxiliares nas perífrases encontradas foram *ir* e *ter*, o que coincide com os desta pesquisa.

O próximo grupo de fatores será apresentado abaixo no gráfico 2.



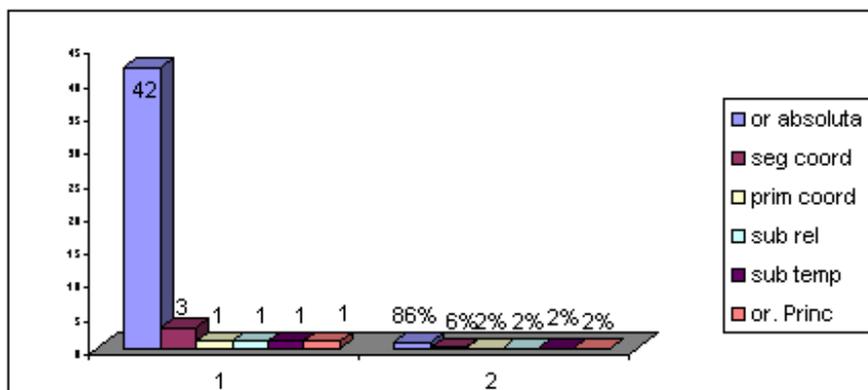
As *orações temporais*, neste cópuz, apresentaram-se como desencadeadoras das expressões de futuro:

- Pág. 8 - *Na semana que vem* vou ao cabeleireiro da Clarisse. (Mariana consigo mesma).
- Pág. 10 *Ai, quando você vai aparecer? Quando vai me encostar em uma parede?* (Mariana consigo mesma)
- Pág. 17 – *Mais tarde* você vai se arrepender de ter perdido sábados como os de ontem. Você vai ter saudades da tua juventude, meu amor. (Mãe de Mariana para Mariana)

- Pág. 35 - *Em dez minutos, quero essa carta pronta., tá?*) Mariana para Jorginho)
- Pág. 40 - Ai, tenho de estar linda para *quando* ele chegar. (Mariana para Clarisse)

Faz-se necessário salientar que “outros” aqui teve um número muito elevado de ocorrências porque a codificação se deu a partir do *cópus* de textos produzidos no vestibular 2003 da UFPR, questão 23, já referida anteriormente.

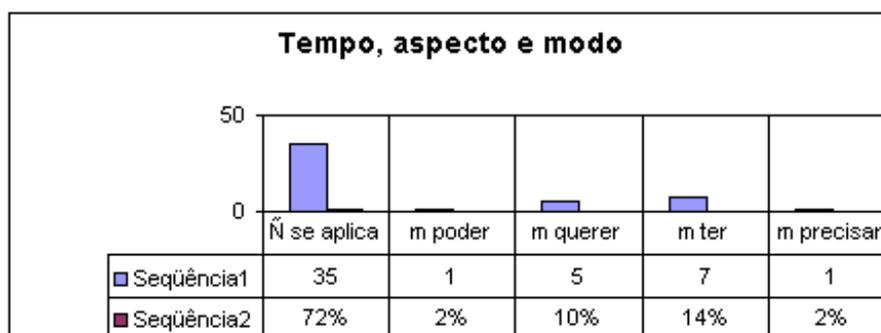
Gráfico 3 – Lócus de Ocorrência



A *oração absoluta* é a que propicia o tipo de futuro que mais ocorre neste livro.

O seu número elevado deve-se ao fato de o texto ser narrativo e as ocorrências aparecerem em diálogos diretos entre as personagens, na grande maioria, compostos por frases bastante curtas.

Gráfico 4 – TAM



Não houve registro de aspecto nesta amostra.

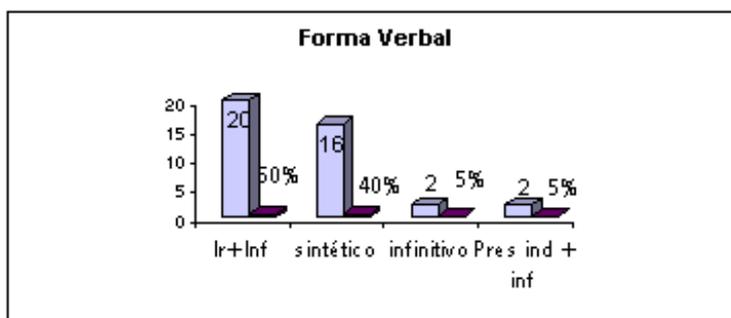
A porcentagem alta de “Não de aplica” deve-se ao fato de o futuro estar, em sua maioria,

formado pela perífrase IR + INFINITIVO.

Resultados e análise do livro *Descanse em paz, meu amor*

Na obra *Descanse em paz meu amor*, 79 páginas. Foram encontradas 40 ocorrências de futuro, conforme gráficos abaixo:

Gráfico 5 – Forma Verbal



Observa-se que a preferência do autor pela forma perifrástica de representar o futuro prevalece neste livro também. Um fato interessante nesta obra é que quase todas as formas de futuro sintético são colocadas em uma história que uma personagem está contando. Esta forma aparece dez vezes na inscrição de uma tumba egípcia e quatro na fala do arqueólogo que a procurava. As outras duas aparecem na fala de dois adolescentes.

A título de ilustração transcrevemos a inscrição na tumba, com suas dez formas de futuro sintético:

- Pág. 65 – A guardiã da beleza, aquela a quem a morte jamais *atingirá*. O poder de Amah-Trep é a eternidade e sua face nunca será destruída. Aqui estará guardada para sempre. Nenhum mortal jamais *poderá* entrar neste templo, até que chegue o momento de Amah-Trep voltar a reinar sobre a Terra. Num dia distante, o escolhido *virá* até Amah-Trep e a *devolverá* à vida. Somente a esse escolhido a entrada da morada de Amah-Trep *será* aberta. E dele *será* o amor e a virgindade de Amah-Trep, e ele *conquistará* a beleza e a eternidade que Amah-Trep representou e sempre representará.

Quais os motivos que levaram o autor do livro a usar o futuro sintético na inscrição egípcia e na fala do arqueólogo? Por que a perífrase verbal nos demais casos de futuro? Esta diferença nos faz pensar que, possivelmente, o autor, que escreve para adolescentes, veja o uso perifrástico como característica da fala dos mais jovens e que o futuro sintético seja algo mais distante no tempo.

As duas expressões de futuro “*presente do indicativo + infinitivo*” que aparecem neste

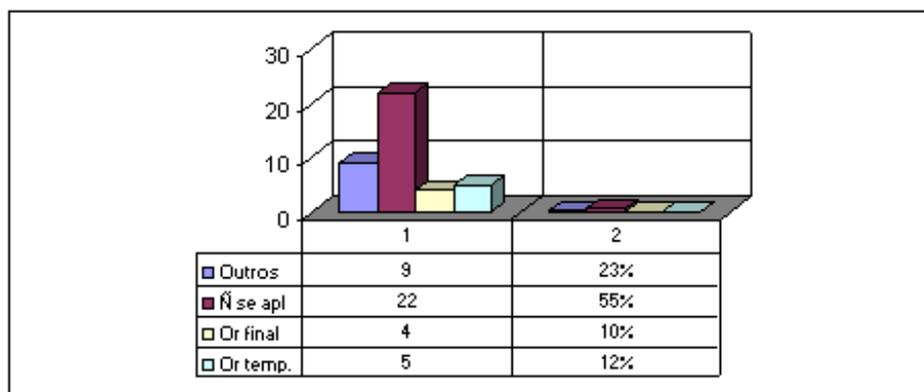
cópus são:

- “Aonde vocês *querem chegar?*” pág. 77 (Alexandre para amigos)
- “O que pode acontecer de mal à gente?” pág. 13 (idem)

As duas ocorrências de infinitivo com valor de futuro estão à página 14, no momento em que a personagem Alexandre fala para os amigos que fica imaginando o que vai acontecer quando ele *voltar e contar* que eles tiveram medo.

Este resultado também vai de encontro aos de Longo (1998), temos a preferência pela perífrase e especialmente a composta com o auxiliar IR.

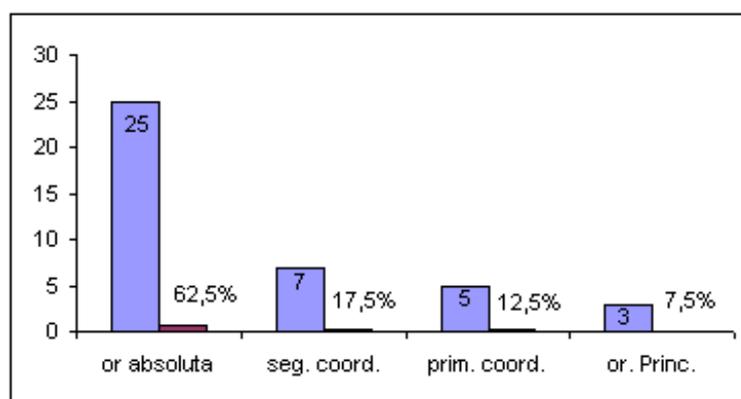
Gráfico 6 – Contexto desencadeador de futuro no livro *Descanse em paz, meu amor*.



A explicação para o número elevado de elementos desencadeadores “outros” é a mesma do gráfico 2 acima e para a grande maioria das ocorrências deste grupo não há contextos desencadeadores.

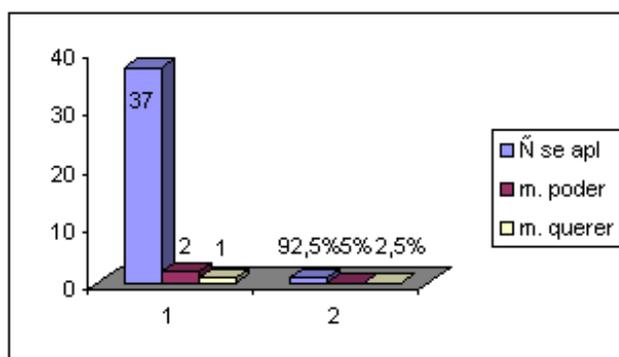
O gráfico 7 nos mostra o Lócus de Ocorrência e percebemos que predomina a *oração absoluta*, como na obra analisada anteriormente.

Gráfico 7 –Lócus de ocorrência de futuro no livro *Descanse em paz, meu amor*.



O grupo de fatores TAM desta obra também é semelhante ao da anterior.

Gráfico 8 – TAM – livro *Descanse em paz, meu amor*



Para este grupo de fatores este cópulus não apresentou nenhum verbo aspectual, como no livro anteriormente analisado.

O resultado geral é parecido com o do livro *Mariana*, salvo que em *Descanse em paz, meu amor* houve ocorrências de futuro sintético, estas, exceto duas ocorrências, estão em um texto escrito e na fala de um arqueólogo, cuja fala é mais formal possivelmente condicionado pelo fato de ser o chefe de uma expedição.

Temos então, uma preferência do autor em utilizar a perífrase verbal, especificamente a formada pelos verbos IR + INFINITIVO, ocorrendo principalmente em orações absolutas.

Encerrada a análise dos dados encontrados nos livros podemos perceber claramente que o futuro sintético, como afirmou Cunha (1984), já citado nesta pesquisa, “é de emprego relativamente raro na língua falada”, e agora, segundo este cópulus, também na língua escrita. Observamos um baixo índice de verbo modais nestes dois livros, o que é consequência das formas verbais utilizadas que, em sua maioria, não possibilitam o uso destas categorias.

Resultados e análise das produções de textos dos alunos do 2º ano do E. M.

Foi feita ainda uma análise de 117 textos produzidos por alunos do segundo ano do Ensino Médio, antigo segundo grau. A proposta de produção e o enunciado foram exatamente iguais ao do vestibular da UFPR, questão 23. Do cópulus total, 81 (61,5%) apresentaram uso de futuro, num total de 132 ocorrências. Os resultados obtidos para a Forma Verbal, distribuída pelo grupo de fator sexo podem ser observados na tabela 1, abaixo:

Tabela 1 – Forma verbal encontrada nos textos produzidos pelos alunos do E. M. a partir do grupo de fatores sexo

Formas Verbais			Masculino		Feminino	
	Núm.	%	Num.	%	Núm.	%
Futuro sintético	100	75	37	79	63	74
Per. Estará + gerúndio	11	8	4	8,4	7	8
Per. Fut. Sintét. + a + inf.	10	7,5	2	4,2	8	9,5
Per. Irá + infinitivo	3	2,5	1	1	2	2,5
Per. Ir + infinitivo	5	4	1	1	4	5
Infinitivo	1	1	-	-	1	1

Per. pres. ind. + infinitivo	1	1	1	1	-	-
Presente do indicativo	1	1	1	1	-	-
TOTAIS	132	100	47	100	85	100

O resultado desta tabela é muito interessante e foge completamente à expectativa inicial que era de encontrar uso mais freqüente de perífrase verbal, principalmente da perífrase IR + INF. Estes resultados nos mostram que o futuro sintético está prevalecendo nos textos escritos que compõem este corpus de uma forma muito acentuada (75%). Pode-se dizer que o aluno está escrevendo da maneira como ele acha que o professor deseja que ele escreva, da maneira como a escola, de um modo geral, ensina. Os resultados anteriores mostraram que os livros que eles lêem trazem muitas perífrases, o convívio com eles em sala de aula nos permite dizer que eles produzem perífrases em suas falas, e muitas. Por que este número tão grande de futuro sintético? Será que a forma sintética trazida pelo enunciado da questão induziu o uso? O futuro representado pela perífrase IR + INFINITIVO apareceu apenas cinco vezes (4%).

O grupo de fatores *sexo* nos permite observar que, embora o número de redações dos meninos seja quase a metade do número das meninas, estes usam mais o futuro sintético e as meninas, a forma perifrástica, tida como inovadora para os textos escritos.

A tabela 2 mostra o contexto desencadeador considerando o grupo de fatores *sexo*

Advérbios e Locuções Adverbiais	Masculino		Feminino			
	Num.	%	Num.	%		
Logo	26	20	11	23,5	15	18
Além de	25	19	8	17	17	20
Agora	22	17	8	17	14	16,5
Oração temporal	16	12	7	15	9	10,5
Oração final	12	9	3	6,5	9	10,5
Outros	10	7,5	4	8,4	6	7
A partir de	9	6,5	2	4	7	8
Não se aplica	7	5	1	2,1	6	7
Depois	5	4	3	6,5	2	2,5
TOTAIS	132	100	47	100	85	100

O contexto que mais desencadeou ocorrências de futuro, segundo esta tabela, foi o advérbio *logo*, com 20% das 132 ocorrências. O que menos desencadeou o futuro neste corpus foi o advérbio *depois*, com apenas 4% das ocorrências.

O advérbio que mais desencadeia as expressões de futuro nos textos produzidos por meninos é o *Logo*, com 11 ocorrências, 23,5%; em segundo lugar há um empate, *além de* e *agora*, com 8 ocorrências cada um, 17%. Os números obtidos dos textos das meninas são o inverso: *além de* em primeiro, com 17 ocorrências, 20% e *logo* em segundo com quinze ocorrências, 18%.

A tabela 3 nos apresenta o Locus de Ocorrência, geral e a partir do grupo sexo.

Locus de Ocorrência			Masculino		Feminino	
	Num.	%	Num.	%	Num.	%
Segunda coordenada ou mais	47	35	13	27,6	34	40
Oração absoluta	40	30	16	34	24	29
Primeira coordenada	29	22	10	21,6	19	22
Subordinada relativa	8	6	4	8,4	4	5
Oração principal	6	5	4	8,4	2	2
Subordinada temporal	2	2	-	-	2	2
TOTAIS	132	100	47	100	85	100

A segunda coordenada aparece com maior frequência devido ao tipo de informação apresentada no enunciado: “a oficina está fechada para reformas e reabrirá...” Desta forma há uma tendência da forma de futuro aparecer na segunda coordenada. As orações absolutas, aqui, ficam em segundo lugar. Mas continua no topo, como nas ocorrências dos livros, onde ficou em primeiro lugar.

Tabela 3 – Locus de ocorrência das expressões de futuro em função do grupo de fatores sexo.

Locus de Ocorrência			Masculino		Feminino	
	Num.	%	Num.	%	Num.	%
Segunda coordenada ou mais	47	35	13	27,6	34	40
Oração absoluta	40	30	16	34	24	29
Primeira coordenada	29	22	10	21,6	19	22
Subordinada relativa	8	6	4	8,4	4	5
Oração principal	6	5	4	8,4	2	2
Subordinada temporal	2	2	-	-	2	2
TOTAIS	132	100	47	100	85	100

Os resultados desta tabela também se mostram invertidos entre os meninos e as meninas. Os meninos construíram mais *orações absolutas* com futuro do que as meninas, estas, por sua vez, apresentaram muito mais ocorrências de futuro em *segundas coordenadas ou mais*. As orações subordinadas temporais detectadas neste corpus foram produzidas pelas meninas. A porcentagem de uso de futuro em *primeira coordenada* é praticamente o mesmo nos dois sexos: 21,6% e 22%.

O último grupo de fatores é o TAM – Tempo, modo e aspecto, que também será apresentado em números totais e divididos em função do grupo de fatores sexo.

Tabela 4 – TAM – a partir do corpus total e do grupo sexo

Tempo, modo e aspecto			Meninos		Meninas	
	Num.	%	Num.	%	Num.	%
Não se aplica	94	71	34	72,5	60	70,5
Outros aspectuais	13	10	3	6,5	10	12
Aspectual <i>passar a</i>	9	7	2	4	7	8
Outros modais	6	5	3	6,5	3	3,5
Modal <i>poder</i>	4	3	4	8,4	3	3,5
Aspectual <i>começar a</i>	3	2	-	-	3	3,5
Aspectual <i>continuar a</i>	3	2	1	2,1	2	2,5
TOTAIS	132	100	47	100	85	100

No grupo de fatores TAM, a maior incidência deste cópuz, coincidindo com os anteriores, foi a “não se aplica” para modo e aspecto. Os verbos aspectuais e modais que mais ocorreram não foram arrolados no grupo de fatores. Dos arrolados os que apareceram foram o aspectual *passar a* com 9 ocorrências, totalizando 7%, os aspectuais *continuar a* e *começar a* com 3 ocorrências cada (2%). O modal verbo *poder* teve quatro ocorrências, 3%.

Este grupo de fatores teve um índice muito elevado de *não se aplica*, coincidindo com o resultado apresentado pelo mesmo grupo na análise dos livros feita acima. O motivo é o mesmo: o tempo bem marcado no que se refere a anterioridade, simultaneidade e posterioridade do momento da fala.

Os resultados desta parte do corpus contrariam a hipótese inicial. De acordo com este corpus a forma *futuro sintético* está muito produtiva na língua escrita dos jovens adolescentes de 15 a 18 anos. Sendo este “produtivo” um termo não muito adequado pois acreditamos que estes números se devem ao gancho trazido pelo enunciado² e a situação de avaliação escolar.

Síntese geral dos resultados

Após a análise dos dados podemos observar que:

- As personagens dos livros analisados fazem uso preferencialmente das perífrases nas expressões de futuro, em orações absolutas, em sua maioria.
- Os primeiros lugares dos gráficos formado pelos textos dos alunos do 2º ano do ensino médio mostraram que há uma preferência pela forma de *futuro sintético* e este ocorre com mais frequência na 2ª coordenada do período. Ou, seja, estes alunos em condição de avaliação apresentaram na forma escrita a expressão de futuro através de sua forma sintética, como determina a GT, o que contraria nossa hipótese inicial.
- Os resultados em função do grupo de fatores sexo se mostraram bastante interessante, pois pudemos perceber que a forma inovadora está muito mais presente nos textos das meninas do que nos dos meninos.
- O *Contexto Desencadeador* e o *Lócus de Ocorrência* também mostram números interessantes, pois inversos:

1. No *Contexto Desencadeador* percebemos que os meninos preferiram mais o advérbio *logo*, em segundo lugar o *agora* e a locução adverbial *além de*. As meninas usaram preferencialmente a locução *além de* e como segunda opção o advérbio *logo*.
2. No *Lócus de Ocorrência* os meninos usaram mais as expressões de futuro em orações absolutas e as meninas nas segundas coordenadas ou mais. As expressões de futuro nas primeiras coordenadas apresentou um “empate técnico” entre os informantes dos dois sexos: 21,6% e 22%.

Conclusão

Procuramos, ao longo deste trabalho entender um pouco mais qual a forma mais utilizada para representar as expressões de futuro em algumas produções literárias e nas produções de alunos do segundo ano do Ensino Médio.

Iniciamos este estudo baseados na hipótese de que as perífrases verbais, tidas pela GT (CUNHA (1984)) como de uso quase que exclusivo da língua falada, estão, atualmente, tendo um uso muito grande também nos textos escritos, onde imperava, ainda segundo a GT, a forma sintética.

Nossa hipótese não foi confirmada pelos dados de língua escrita (textos produzidos por alunos do 2º ano do ensino médio). Neste corpus, a forma sintética de expressar o futuro mostrou-se muito produtiva, sendo que a forma perifrástica, especialmente a IR + INFINITIVO, apareceu apenas cinco vezes nestas produções. Destas cinco, quatro foram produzidas por informantes do sexo feminino.

O estudo das expressões de futuro dos dois livros selecionados para análise nos revelou que a forma perifrástica IR + INFINITIVO é muito produtiva nestas obras. Estes resultados nos dão apenas uma idéia, não respostas, do que está ocorrendo com a expressão do futuro no PB. Novos caminhos de pesquisa podem nascer a partir deste breve levantamento.

A partir destes resultados, nossa análise é de que o gancho da questão influenciou o uso da forma sintética. Saber qual foi o grau desta influência requer um novo estudo, com um novo cópulus, trabalho também em andamento.

Referências bibliográficas

BANDEIRA, Pedro. *Mariana*. São Paulo. Editora Ática. 1996

_____ *Descanse em paz, meu amor*. São Paulo. Editora Ática. 1996

- CASTILHO, Ataliba T. & Célia M. M.(1993) . *Advérbios Modalizados* in ILARI, Rodolfo (org.), *Gramática do Português falado*. Campinas/Sp. UNICAMP. 1993.
- COSTA. S. B. B. *O aspecto em português*. São Paulo. Contexto. 1990.
- CUNHA, Celso Ferreira da, *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. FAE. 1984
- GÓRSKI, E. M. et. al. *Variação nas categorias verbais de tempo e modo na fala de Florianópolis*. in VANDRESSEN, P. (org.) *Variação e mudança o português falado da região Sul*. Pelotas. Educat. 2002.
- GIBBON, A. *A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. Dissertação de mestrado – UFSC. Florianópolis. 2000.
- ILARI, R. *Sobre os advérbios aspectuais*. In ILARI, R. (org.) *Gramática do português falado*. Campinas/Sp. UNICAMP. 1993.
- LONGO, Beatriz N. de O. *Perífrases verbais no português falado*. Revista Veredas – Revista de estudos lingüísticos. Vol. 2. N.2 jul/dez - 1998.

NOTAS

1 Este trabalho faz parte de uma pesquisa bem maior, envolvendo aproximadamente 2000 redações do próprio vestibular da UFPR. As formas verbais, o contexto desencadeador, o lócus de ocorrências e o grupo de fator TAM foram selecionados a partir de uma leitura prévia das redações do vestibular.

2 O gancho em questão é “passará a”.